[Recensão a] Poesia Straniera, collana a cura di Francesco Stella. Antologia della poesia portoghese e brasiliana diretta da Luciana Stegagno Picchio

Autor(es): Simões, Manuel
Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra
URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42465>
DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/0870-8584_0_19
Accessed : 26-Apr-2023 15:56:38

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Estudos Italianos em Portugal

Instituto
Italiano
de Cultura
de Lisboa

Nova Série
Nº 0

frases que na página 244 sintetizam o longo e cuidadoso exame: “Si può quindi forse ritenere che nell’ambito portoghese, dal momento in cui l’opera di Giacomo Leopardi entra come presenza culturale, ossia oltre un secolo e mezzo fa, la conoscenza del poeta non si sia diffusa con quella profondità che avrebbe invece senz’altro meritato: forse la complessità linguistica, forse l’articolosità del pensiero, forse semplicemente la scarsa circolazione e fruizione di edizioni italiane hanno rallentato l’innesto dell’opera leopardiana nella letteratura portoghese. Tuttavia la sua presenza – in italiano o in traduzione francese – non manca di essere familiare ad un pubblico particolarmente privilegiato all’interno del quale possiamo senz’altro contare i maggiori poeti portoghesi”.

Estas conclusões, contudo, levantam algumas questões acerca da finalidade dum trabalho crítico deste género. Se é verdade que nos estudos comparativos, e, em particular, nos dedicados à recepção de um autor ou duma obra, é sem dúvida significativo detectar e analisar a sua concreta presença e difusão numa outra literatura,

também não o é menos constatar, quando seja o caso, a sua ausência. M. Russo, após ter verificado como a obra leopardiana não teve uma difusão em Portugal relevante como noutros domínios literários, acaba por enumerar apressadamente três possíveis razões para tal fenómeno. Estas hipóteses, obviamente, não podem ficar em suspenso, e deveriam ser objecto de uma atenta verificação, porventura integradas com outras possíveis explicações. Só deste modo o estudo da recepção de Leopardi pode tornar-se verdadeiramente completo e, o que é mais relevante, contribuir para um melhor conhecimento da própria literatura portuguesa.

GIANLUCA MIRAGLIA

Poesia Straniera, collana a cura di Francesco Stella. Antologia della poesia portoghese e brasiliana diretta da Luciana Stegagno Picchio, Roma, La Biblioteca di Repubblica, 2004, pp. 992.

Provavelmente por decisão do editor, a Antologia aparece com um título enganador, visto que, para além do corpus poético relativo a Portugal e ao Brasil, contempla igualmente a poesia da

África Lusófona. E nem sequer a declaração expressa na premissa de Francesco Stella, válida para todas as antologias (da área linguística francesa ou alemã, por exemplo), no sentido da necessidade da “inclusione di sezioni postcoloniali” (p. 7), anula a exigência da indicação explícita do exacto conteúdo. Temos assim, no âmbito da colecção de antologias da poesia internacional, promovida pelo jornal *Repubblica* (iniciativa que não se pode deixar de louvar), um volume que compreende “tutto lo sviluppo di una letteratura poetica dalle origini alle ultime tendenze di fine millenio” (p. 7) relativamente à poesia portuguesa, à poesia brasileira e à poesia dos países africanos de língua portuguesa.

A “Introdução”, de Luciana Stegagno Picchio para as duas primeiras secções, e de Vincenzo Barca e Roberto Francavilla para a última, é exauriente e evidencia com grande clareza o evoluir das ideias literárias nos países da área linguística lusófona. Em relação à poesia portuguesa, deve notar-se, no entanto, algumas oscilações e ambiguidades relativamente a problemas de periodização e dos movimentos literá-

rios do século XX, sobretudo nos “capítulos” que a conhecida lusitanista intitulou “La rinvincente del Realismo” e “Brillano ancora”. O primeiro está ligado à escolha de Carlos de Oliveira e de Sebastião da Gama como os poetas que, na parte antológica, ilustram a poesia neo-realista, o que não deixa de estar em contradição com as razões apontadas na “Introdução”, onde justamente se apresenta Carlos de Oliveira como “poeta di preoccupazioni estetiche che lo indurrano a un continuo lavoro di riscrittura dei suoi testi” (p. 38). O segundo é um capítulo que mistura tendências e experiências (de Jorge de Sena a Ruy Cinatti, de David Mourão-Ferreira a Rui Belo, de Fernando Assis Pacheco a Al Berto e Natália Correia) sob um título tão pouco rigoroso e tão vazio de conteúdo crítico. Um caso particular diz respeito ao poeta Miguel Barbosa, posto em grande evidência no corpo da Antologia intitulado genericamente “Il Trenta” e que, como é lógico, não encontra na “Introdução” o espaço correspondente, aqui justificado apenas porque “molto presente nelle traduzioni italiane” (p. 42).

Todas as antologias, como se sabe, obedecem sempre às escolhas do antologizador, aos parâmetros da sua leitura, que, porém, devem ser justificados. Tratando-se de um corpus que apresenta uma selecção que vai dos cancioneiros galego-portugueses até aos confins da contemporaneidade, há evidentemente autores consagrados por uma tradição literária já consolidada que talvez não merecessem a dura lei do esquecimento, como Bernardim Ribeiro ou Francisco Rodrigues Lobo. E como se trata de uma viagem poética que escolhe o “signo do mar” como sua isotopia privilegiada, é questionável a escolha do *Monólogo do Vaqueiro* ou *Auto da Visitação* como paradigma do teatro-poesia de Gil Vicente, com a agravante da tradução de U. Serani, contrária, em muitos aspectos, ao espírito do texto gilvicense, chegando a transformá-lo num texto blasfemo (“Dios de los cielos” agora “dio dei lari”). Mas é o corpo antológico relativo ao século XX o que suscita maiores discrepâncias e algumas reflexões quanto aos poetas representados. Deixando de parte o caso de Miguel Barbosa, já citado, não se percebe porque não

figuram alguns dos maiores poetas portugueses contemporâneos como Fernando Echevarría, Herberto Helder, Armando Silva Carvalho, Luiza Neto Jorge ou António Franco Alexandre, entre outros, quando se incluem figuras de estudiosos ilustres mas não relevantes em relação à poesia portuguesa, como é o caso de Helder Macedo e Yvette Centeno, para não falar da atribuição a José Saramago da função de “capofila” do capítulo “Poesia oggi”. O mesmo se deve referir relativamente à poesia brasileira, onde faltam os nomes indiscutíveis de Décio Pignatari, Hilda Hilst, Paulo Leminski ou de Cláudio Murilo (todos traduzidos em várias línguas), entre outros, embora se perceba menos a inclusão de Marcia Theophilo ou de Vera Lúcia de Oliveira (esta última como um dos grandes poetas “novíssimos”), por exemplo. E no que toca à poesia da “África Lusófona”, também se pode questionar a inclusão de Malangatana e Mia Couto entre os grandes poetas de Moçambique, cada um deles com um livro de poemas publicado, embora sejam conhecidos como notável pintor, o primeiro, e como gran-

de romancista, o segundo. Se se pretendia estabelecer um certo equilíbrio, no âmbito afro-lusófono, então poder-se-ia ter recorrido aos poetas Luís Carlos Patraquim e Eduardo White, esses sim poetas a pleno título, ainda que com nomes menos “sonantes” do que os escolhidos.

Cada autor (ou movimento) é precedido, na Antologia, por uma ficha bio-bibliográfica a cargo da própria Luciana Stegagno Picchio e de um grupo de colaboradores que nem sempre soube corresponder cabalmente à competência e rigor que a responsável nele terá depositado. Para além de algumas questões de pormenor, como a de atribuir a Bocage (p.159) o nome árcade de Ermano (sic) Sadino ou da ambiguidade com que se referem as *Conferências do Casino*, que aqui parecem ser obra exclusiva de Antero de Quental (p. 173), ambas de Guia Boni, os casos mais clamorosos dizem respeito aos poetas do século XX, sobre os quais não houve a necessária investigação. A título de exemplo, vejamos as fichas de Carlos de Oliveira, onde Renata Cusmai Belardinelli oferece uma leitura inaceitável da sua poesia, que pa-

rece não ter lido (p. 301); de David Mourão-Ferreira, com maior informação sobre o prosador e quase nada sobre quem publicou 15 livros de poesia (Vincenzo Barca, p.326); de Fernando Assis Pacheco, esquecendo-se a produção poética anterior a 1991 (Vincenzo Barca, p.337); de António Osório, poeta que merecia um discurso crítico mais aprofundado e sobre o qual bastaria a leitura da sua *Antologia Poética*, de 1994, ou o belíssimo texto que Eduardo Lourenço lhe dedicou já em 1984 (Guia Boni, p.409); de Manuel Alegre, cuja ficha é limitada aos seus dois primeiros livros, de 1965 e 1967, e por isso necessariamente condicionada por certos estereótipos hoje inaceitáveis (Guia Boni, p. 421). A estes exemplos há que acrescentar as fichas bio-bibliográficas sobre muitos dos poetas brasileiros, algumas reduzidas a quatro/cinco linhas com a simples enumeração de alguns títulos de livros (quase todas confiadas a Ruy Mar de Oliveira); e a que Vincenzo Barca elabora acerca de Mia Couto – de quem já traduziu, para italiano, os contos de *Cronicando* –, onde as originalíssimas soluções linguísticas e a in-

venção literária do Autor são curiosamente derivadas dos “strati piú nascosti del linguaggio infantile, modificando così il portoghese normativo” (p. 872). Apesar destas observações, a Antologia cumpre a função, não despreciando, de difundir a poesia da área linguística lusófona entre um público alargado de leitores italianos, os quais poderão aprofundar o conhecimento de uma riquíssima experiência poética através da bibliografia – não actualizada mas muito mais ampla do que a que se oferece nas referidas fichas bio-bibliográficas –, que, por sua vez, inclui a bibliografia crítica considerada essencial sobre cada poeta e a indicação das traduções italianas, sectores estes, porém, com imensas lacunas: nota-se a ausência de textos críticos fundamentais e algumas traduções sem dúvida importantes, entre as quais se destacam as antologias *Poeti Brasiliani Contemporanei* (Venezia 1997), *Poeti Portoghesi Contemporanei*

(Venezia 1999), *Cuore numeroso*, de Carlos Drummond de Andrade (Roma 2002), para além da deficiente referência à antologia *Inchiostro nero che danza sulla carta. Antologia di poesia portoghese contemporanea* (Milano 2002) ou da completa ausência de notícias sobre traduções relativamente a alguns poetas, como no caso de Casimiro de Brito, por exemplo. Com uma ou outra omissão – é no mínimo estranho que se ignorem os trabalhos fundamentais de Giuseppe Tavani sobre a lírica galego-portuguesa –, seria injusto não relevar o contributo notável fornecido pelas notas bibliográficas aos estudiosos das relações culturais entre a Itália e os países de expressão portuguesa, ao mesmo tempo que representam, no seu conjunto, um indicador significativo da obra gigantesca que, com paixão e empenho científico, se foi produzindo no âmbito da lusitanística italiana. MANUEL SIMÕES